Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: AS CONSEQUÊNCIAS DA VULNERABILIDADE SEXUAL FEMININA INFANTO-JUVENIL

BETWEEN FICTION AND REALITY: THE CONSEQUENCES OF FEMALE CHILD AND ADOLESCENT SEXUAL VULNERABILITY

Alicia Nicolly dos Santos Barbosa, Nicoly Nascimento Araujo, Mariah Martins de Carvalho

Etec Drª. Ruth Cardoso, Itinerário Formativo em Linguagens e suas Tecnologias

E-mail para contato: alicianicolly13@gmail.com, nnikyaraujo@gmail.com

RESUMO- Este artigo tem como objetivo investigar a relação entre a série Anne with an E e a contemporaneidade, por meio de uma abordagem comparativa, analítica e qualitativa. A pesquisa contextualiza a série, ambientada no final da década de 1890, período marcado pela falta de liberdade e oportunidade das mulheres e pela desigualdade de gênero. A trajetória de Anne evidencia a discriminação feminina e questiona a ideia de que meninas são inferiores aos meninos. A série também aborda diferenças de tratamento no trabalho, racismo, desigualdades sociais, censura e invisibilidade menstrual e sexual. A análise relaciona essas situações a notícias e relatos reais, destacando a permanência do assédio e da discriminação contra meninas. Conclui-se que a obra contribui para a reflexão sobre igualdade.

Palavras-chaves: Assédio; Discriminação; Desigualdade de gênero; Mulheres; Reflexão.

ABSTRACT – This article aims to investigate the relationship between the series Anne with an E and contemporary times, employing a comparative, analytical, and qualitative approach. The research contextualizes the series, which is set in the late 1890s—a period marked by gender inequality and a lack of freedom and opportunity for women. Anne's journey highlights discrimination against women and challenges the notion that girls are inferior to boys. The series also addresses disparities in workplace treatment, racism, social inequalities, censorship, and the invisibility of menstruation and female sexuality. The analysis links these situations to real-world news and accounts, underscoring the persistence of harassment and discrimination against girls. It concludes that the series contributes to the discourse on equality.

Keywords: Harassment; Discrimination; Gender inequality; Women; Reflection.

1. INTRODUÇÃO

ISSN 2317-1316

Desde sempre, mesmo em diferentes épocas, as mulheres são tratadas e vistas como inferiores, sendo consideradas como objetos por boa parte da sociedade, principalmente por homens. Nos tempos contemporâneos, embora a humanidade tenha evoluído parcialmente em alguns aspectos, a pauta sobre como as mulheres são vistas de maneira injusta pela sociedade ainda é um problema recorrente que vem se intensificando com o passar dos dias. Sendo notável o aumento significativo no número de mulheres que sofrem assédios e discriminação, seja nas ruas, nas redes sociais ou no próprio ambiente de trabalho.

A série Anne with an E, se passa no final da década de 1890, abordando temas que eram considerados tabus como: assédio, preconceito, discriminação e a liberdade feminina ao se expressar. Apesar de ser uma ficção, a série reflete conflitos que ainda permanecem na sociedade contemporânea, o que transparece a importância de trazer temas como esses para serem debatidos e comunicados, com o objetivo de conscientizar e alertar as problemáticas que ainda ocorrem no cenário atual.

Objetivo geral: Analisar e compreender como a série Anne with an E retrata questões referentes ao assédio, preconceito e discriminação contra a mulher, relacionando com a realidade da sociedade contemporânea para destacar a relevância do tema e promover reflexões sobre suas problemáticas ainda persistentes no século XXI.

Objetivo específico:

- Analisar situações presentes na obra que são ocasionadas pela desigualdade de gênero e assédio;
- Refletir sobre a forma como a mulher é vista e tratada em diferentes contextos sociais;
- Evidenciar a importância do debate sobre esses temas para a conscientização social;
- Relacionar os acontecimentos na obra com a realidade contemporânea.

Metodologia: Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, baseada na investigação interpretativa da série. A partir da observação de episódios e cenas específicas, foram identificadas situações que abordam temas como assédio, preconceito e desigualdade de gênero.

A análise teve como destaque a compreensão de como essas problemáticas apresentadas tanto na série quanto na sociedade atual reverberam e influenciam no meio social com o objetivo de designar as pautas relevantes para promover reflexão e ressaltar a importância de discutir-se as questões por meio da análise crítica-reflexiva.

2. DESENVOLVIMENTO

ISSN 2317-1316

Segundo dados do IBGE, a violência sexual cresceu cerca de 26%, o que representa que uma a cada quatro adolescentes já sofreram assédio sexual em algum momento da vida. Nesse levantamento, feito em 2024, ouviram-se estudantes de 13 a 17 anos de escolas públicas e privadas em todo o país. Na série Anne With an E, uma estudante de 16 anos, chamada Josie Pie, sofreu assédio sexual por um estudante da mesma escola chamado Billy Andrews. Em um festival da cidade, ele a chamou para um canto afastado. Os dois se beijam e logo depois ele começa a avançar sem a permissão da garota, querendo a violar sexualmente, mesmo ela demonstrando desconforto. Josie pede para ele parar, mas ele não a respeita. A garota sai correndo de lá traumatizada, com um imenso mal-estar psicológico enquanto ele a difama para as outras pessoas no evento. Na cidade, a história que se espalhou foi que ela era uma garota indecente e promíscua, na qual estava implorando por beijos e que não sabia esperar até o casamento. Esses boatos tomaram uma proporção muito grande, fazendo com que a vítima saísse como errada mesmo dizendo que nada daquilo que foi dito era verdade.

A cena mostra como a sociedade já era enraizada com o machismo desde muito tempo, os julgamentos surgiram sem nem questionar a veracidade dos boatos. Como um homem que espalhou a informação, todos da cidade logo acreditaram que era verdade, mesmo a vítima negando o acontecimento. Não só nesse contexto, mas fora das telas, a população normalizou culpar as mulheres com crenças de que elas estavam provocando os homens, querendo sua atenção por conta de alguma vestimenta usada ou por simplesmente sair arrumada. Segundo Jéssica Taylor, psicóloga e escritora do livro “Por Que as Mulheres São Culpabilizadas Por Tudo.”, a autora disserta como constantemente a sociedade responsabiliza as mulheres vítimas de situações de violências, abusos e desigualdade.

Em seu livro, Taylor explica que isso acontece porque vivemos em uma sociedade estruturada sobre valores patriarcais e mitos culturais que colocam o homem como sujeito ativo e a mulher como objeto passivo. A autora também fala sobre o controle social em que desde muito jovem as mulheres são ensinadas a se comportar de maneira que é vista como adequada, por isso, quando acontece a violência ou o abuso, tendem a afirmar que a culpa é da mulher por não seguir as regras.

> “Grande parte da culpabilização da vítima concentra-se na maneira como as mulheres respondem e reagem ao serem submetidas à violência masculina” (Taylor, 2020, p. 31, tradução nossa).

ISSN 2317-1316

Diante dessa perspectiva apresentada pela psicóloga, explica porque na série o abusador sofre poucas consequências por conta das suas atitudes e mostra como o alvo dos julgamentos e boatos é constantemente associado à vítima. Dessa maneira, a série e o livro evidenciam como a culpabilização das mulheres está associada a contextos históricos e presentes atualmente.

Com a globalização e o avanço das tecnologias, as redes sociais intensificaram ainda mais a disseminação de discursos com teor machista, potencializando o sofrimento das vítimas. Além disso, as redes sociais aceleram julgamentos por meio da disseminação de comentários ofensivos e exposições invasivas, ampliando o sofrimento psicológico das vítimas. Segundo o relatório *Disrupting Harm in Brazil*, as vítimas "continuam a sentir medo ou ansiedade de que o material de seu abuso ou exploração sexual siga sendo compartilhado online, às vezes muito depois que a violência ocorreu" (UNICEF; INTERPOL; ECPAT INTERNATIONAL; SAFE ONLINE, 2026, p. 37). O constrangimento e o medo de não serem acreditadas estão entre os principais fatores que dificultam denúncias de violência sexual. Dessa maneira, mais mulheres acreditam que são culpadas por terem sofrido assédio, essa culpa afeta a denúncia da violência, desencorajando muitas mulheres de relatarem seus traumas e influenciando-as a guardá-los.

Conforme o tema: "As possíveis consequências do abuso sexual cometido contra crianças e adolescentes", publicado pela Universidade Federal Fluminense, departamento de Psicologia, em junho de 2015, a demanda do abuso sexual contra crianças e adolescentes está tomando proporções epidêmicas que afetam a vida das vítimas para sempre, comprometendo de forma significativa a condição humana. O estudo também ressalta o abalo na saúde emocional após o ocorrido, o abuso sexual deixa marcas como: traumas, ansiedade, depressão, baixa autoestima, transtorno de estresse pós traumático (TEPT), lesões, disturbios de sono, isolamento e desconfiança em relações futuras, enfatizando como o trauma afeta a condição humana permanentemente, comprometendo o desenvolvimento. Desse modo, é possível enxergar como os impactos da violência ultrapassam as relações físicas, estando presentes nos ambientes digitais contemporâneos contribuindo para a baixa autoestima e saúde mental precária das vítimas.

Desenvolvimento 2 (Discriminação contra a mulher desde a infância)

A psicóloga e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, Franciane Bortoli, descreve em um artigo, sobre o comportamento imitativo em crianças que existem diversas

ISSN 2317-1316

razões pelas quais as crianças copiam as pessoas. Franciane, ressalta que muitas crianças copiam porque querem pertencer a algum grupo ou porque consideram a figura que elas estão imitando como referência. Nesse sentido, percebe-se que os primeiros traços de personalidade se desenvolvem na infância e que crescer em um ambiente tóxico pode favorecer com que a criança reproduza os padrões comportamentais machistas dos adultos independentemente do grau de afinidade. Nos dias de hoje, a complexidade de compreender a origem do machismo se eleva, a mistura das bases históricas e sociais levou à conceitos equivocados do que é "uma família tradicional", que romantiza e distorce a família para uma estrutura patriarcal na qual a mulher e os filhos são submissos ao homem provedor na figura autoritária. Opiniões dogmáticas sobre tal assunto são perigosas e vem ganhando grande repercussão ao ponto de que, se a mulher não segue o papel que a ideia propõe, ela é julgada e submetida a comentários maldosos que ganharam mais força com os meios tecnológicos e as redes sociais.

Atualmente, a mídia tende ser um ambiente de enorme significância para alimentar as concepções preconceituosas de gênero. Um exemplo disso são as bolhas e os grupos online, reforçando essas idéias e pressionando jovens a obterem a mesma opinião para se sentirem pertencentes em grupos sociais. Viver tais influências sem supervisão adequada de responsáveis podem ocasionar em algo que vem acontecendo frequentemente nas redes sociais, que são as comunidades misóginas que são criadas para espalhar ódio sem fundamento a mulheres e meninas de diversas idades. Como exemplo de um desses casos, temos a "trend" intitulada "Caso ela diga não", que consistia em jovens demonstrando como reagir à uma mulher dizendo não a eles, e logo depois faziam movimentos violentos, como se eles devessem agredir quem os nega. A diretora executiva da ONG britânica End Violence Against Women Coalition (Coalizão de Combate à Violência contra Mulheres), Marai Larasi, afirma que:

> "Nós precisamos pensar no espaço virtual como nossas novas ruas e nossas novas casas e pensar no que é necessário fazer para manter as mulheres seguras, em particular as meninas. Isso apresenta novos desafios para todos nós, não apenas nas nossas análises de diferentes 'sites' de violência, mas crucialmente em torno de nossa abordagem de prevenção, solução de crises e apoio contínuo."

Desse modo, compreende-se que a educação familiar é um lugar de suma importância e que contribui significativamente para o desenvolvimento da personalidade infantil.

Por outro lado, a escola é igualmente importante devido a influência dos professores e professoras, além dos colegas de classe. No episódio 9 da segunda temporada de Anne, a primeira professora chega em Avonlea, o antigo professor era autoritário e não buscava novos

ISSN 2317-1316

métodos de ensino para alunos, além de disseminar preconceito e ódio contra Cole, amigo da Anne que é excluído e ridicularizado por outros alunos por ser considerado "diferente". Com a chegada da nova professora, novos métodos de ensino foram aplicados, expandindo a liberdade criativa dos alunos e incentivando-os a terem mais empatia e repreendendo comportamentos preconceituosos. Em contexto nacional, a Lei Federal 13.935/2019 estabelece serviços de psicologia nas redes públicas de Educação Básica para desempenhar papeis no controle de conflitos e promover um ambiente escolar seguro e acolhedor. Segundo o Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar, essa atuação colabora com os professores para desenvolverem estratégias para fortalecer as relações interpessoais nas escolas tendo um dos objetivos principais trabalhar a desconstrução de violências e preconceitos.

Casos reportados em SP e no RS sobre a misoginia nas escolas pelos jornais r7 e g1, relatam que a prevenção da violência contra a mulher deve iniciar antes da primeira agressão e dissertam que desde 2021, a lei determina a inclusão de conteúdos sobre o tema nos currículos da educação básica. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a Revista sobre a Violências contra mulheres em 2021, indica que mais de 56.098 estupros (incluindo vulneráveis), apenas do gênero feminino, tiveram crescimento de 3,7% em relação ao ano anterior, em contrapartida dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2021, que foram fornecidos pelo Ministério da Educação (MEC), apontam que apenas 14,8% dos diretores das escolas relatam a presença de projetos que enfrentam o machismos em suas escolas. Nesse sentido, Luciano Ramos, do Instituto Mapear, afirma: "Se os homens são os que criam o problema, eles têm que ser parte da solução, e parte importante da solução [...] Se não incluir os meninos, se não incluir os rapazes, se não incluir os homens, a gente não muda o jogo" (RAMOS, 2026).

3. CONCLUSÃO

Com base nos dados apresentados, é possível compreender a importância da promoção de organizações e políticas públicas, com o auxílio do ECA, além da atuação e do cumprimento mais efetivo das leis para a prevenção da violência contra mulheres e meninas. Além disso, a educação possui um papel fundamental na desconstrução do machismo, principalmente durante a infância e adolescência, visto que os comportamentos e pensamentos desenvolvidos nessa fase podem influenciar a forma como os indivíduos irão agir futuramente.

A análise da série *Anne with an E* permitiu compreender que situações como o assédio, a discriminação e a desigualdade de gênero, apesar de serem retratadas em uma sociedade do final da década de 1890, ainda podem ser observadas na contemporaneidade. As situações

ISSN 2317-1316

apresentadas na obra demonstram como a mulher pode ser julgada, silenciada e responsabilizada por situações de violência, enquanto comportamentos machistas continuam sendo reproduzidos em diferentes ambientes sociais.

Dessa forma, torna-se importante promover debates desde a infância, envolvendo a família, a escola e os espaços digitais, para que crianças e adolescentes compreendam a importância do respeito e da igualdade de gênero. Portanto, a série contribui para a reflexão sobre problemas que ultrapassam a ficção e permanecem presentes na sociedade, evidenciando a necessidade de combater a discriminação e o assédio, além de fortalecer a diversidade de gênero para a construção de um ambiente mais justo e respeitoso.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABORDAGEM DE CASOS CONCRETOS EM UMA PERSPECTIVA MULTIDISCIPLINAR E INTERINSTITUCIONAL. *PROTEGE BRASIL*, 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/7979/1/cartilha-maio-laranja-2022.pdf >. Acesso em: 14 de maio de 2026.

ANDRADE, Felipe. Violência sexual cresce e atinge 26% das meninas no Brasil, diz IBGE. *CNN BRASIL*, 2026. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/assedio-sexual-cresce-e-atinge-26-das-meninas-no-brasil-diz-ibge/>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Brasil registra 156 casos diários de violência sexual contra crianças e adolescentes. *OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR*, 2025. Disponível em: <Brasil registra 156 casos diários de violência sexual contra crianças e adolescentes >. Acesso em: 14 de maio de 2026.

CASO DE MISOGINIA EM ESCOLA DE SP LEVANTA DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO**.** *CNN Brasil*. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/caso-de-misoginia-em-escola-de-sp-levanta-debate-sobre-violencia-de-genero/. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

Enfrentamento ao Assedio Sexual nas Escolas Estaduais de Minas Gerais. *MINAS GERAIS*, fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/08/Cartilha-de-Enfrentamento-ao-Assedio-Sexual-nas-Escolas-MG.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

FLORENTINO, Bruno.As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *SCIFLO BRASIL*, 2015. Disponível em: <Brasil - As possíveis consequências

ISSN 2317-1316

do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes >. Acesso em: 14 de maio de 2026.

GIRÃO, Morais. Discriminação da mulher no mercado de trabalho brasileiro: a atuação do Tribunal Superior do Trabalho no enfrentamento de práticas discriminatórias contra mulheres no âmbito das relações trabalhistas. *JUSLABORIS*, 2025. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/255891>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

MAGGIO, Vicente. O crime de assédio sexual. *JUSBRASIL*, 2014. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-crime-de-assedio-sexual/121942480>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

MISOGINIA NAS ESCOLAS: CASOS NO RS ACENDEM ALERTA PARA NECESSIDADE DE DEBATE. GEHM, Bettina. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 8 de abril de 2026. Disponível em: Misoginia nas escolas: casos no RS acendem alerta para necessidade de debate - Instituto Humanitas Unisinos - IHU
– IHU. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

MISOGINIA NAS ESCOLAS: 'MUITOS COMPORTAMENTOS VÊM DA FAMÍLIA', DIZ EDUCADORA. *R7*, 24 de março de 2026. Disponível em: Misoginia nas escolas: 'Muitos comportamentos vêm da família', diz educadora – Noticias R7. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

MOURA, Sabrina; OLIVEIRA, Sarah. VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: IMPACTOS E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS. 2022. Disponível em: <SABRINA BRAZ DE MOURA E SARA ALVES DE OLIVEIRA.pdf >. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Mulher: desigualdade, preconceito e violência. *AVANTE*, 2020. Disponível em: <https://avante70.org.br/noticias/mulher-desigualdade-preconceito-e-violencia/
>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

NOGUEIRA, Carlos. Número de processos sobre assédio sexual no trabalho cresce 24% em Santa Catarina. *JUSTIÇA DO TRABALHO*, 2025. Disponível em: <https://portal.trt12.jus.br/noticias/numero-de-processos-sobre-assedio-sexual-no-trabalho-cresce-24-em-santa-catarina>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

No século XXI mulheres ainda travam batalhas contra preconceito e discriminação. *MS.GOV.BR*, 2015. Disponível em: <https://www.sead.ms.gov.br/no-seculo-xxi-mulheres-ainda-travam-batalhas-contra-preconceito-e-discriminacao/>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

ISSN 2317-1316

NÚMERO DE FEMINICÍDIOS CAI 1,7% EM 2021, MAS OUTRAS VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES CRESCEM, MOSTRA ANUÁRIO. FARIAS, Victor. *G1*, 28 de junho de 2022. Disponível em: Número de feminicídios cai 1,7% em 2021, mas outras violências contra mulheres crescem, mostra Anuário | G1. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

ONU: 90% da população mundial tem algum preconceito contra mulheres. *ONU NEWS*, 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/06/1815832>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

RANKING DE ALUNAS E MENSAGENS MISÓGINAS LEVAM A DEBATE EM ESCOLA DE ELITE EM SP. *CBN*, 20 de março de 2026. Disponível em: 'Ranking' de alunas e mensagens misóginas levam a debate em escola de elite em SP. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

RIBEIRO, Rosangela; et al. Efeitos psicológicos da violência sexual em crianças brasileiras. *PEPSIC*, 2024. Disponível em: <Efeitos psicológicos da violência sexual em crianças brasileiras>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Saúde mental: os impactos do abuso sexual na infância e adolescência. *CHILHOOD*, 2022. Disponível em: <Saúde mental: os impactos do abuso sexual na infância e adolescência - Childhood Brasil0>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

TAYLOR, Jessica. Why Women Are Blamed for Everything: Exposing the Culture of Victim-Blaming. London: Constable, 2020.

SOUSA, Marcus. Maioria das violências sexuais ocorrem no contexto familiar, aponta PeNSE 2024. *AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS*, 2026. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/46174-maioria-das-violencias-sexuais-ocorrem-no-contexto-familiar-aponta-pense-2024>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

UNICEF; INTERPOL; ECPAT INTERNATIONAL; SAFE ONLINE. *Disrupting Harm in Brazil: enfrentando a violência sexual contra crianças facilitada pela tecnologia*. 2026. Disponível em: <Disrupting Harm in Brazil | UNICEF Brasil>. Acesso em: 16 de maio de 2026.

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM 2021. BUENO, Samira (coord.). São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: *violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf. Acesso em: 1 de outubro de 2026.

YAMAGUTI, Bruna. Denúncias de abuso e exploração sexual infantil crescem 195% nos últimos 4 anos. *G1*, 2025. Disponível em: <Denúncias de abuso e exploração sexual infantil crescem 195% nos últimos 4 anos | G1 >. Acesso em: 14 de maio de 2026.

ISSN 2317-1316

ZERO DISCRIMINAÇÃO PARA MULHERES E MENINAS. *UNAIDS*, 2020. Disponível em:<https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2020/02/ZeroDiscrimination_Brochure-2020_PorTuguese.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2026.